



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

RECEPÇÃO E CRÍTICA AO ROMANCE A RAINHA DO IGNOTO: AS RESSIGNIFICAÇÕES DE EMÍLIA FREITAS AO LONGO DO TEMPO

Felipe Moreira Rodrigues¹

Resumo: *A Rainha do Ignoto* é uma obra de 1899, da escritora cearense Emília Freitas, que tem como subtítulo a insígnia de *romance psicológico*. Sua recepção crítica foi inconsistente, mas prevalecendo, entre os críticos, menções à qualidade e a tendência de uma mulher como escritora dedicada à narrativa fantástica: uma característica de leitura descompromissada. Após este momento, a obra de Emília Freitas volta a ganhar nova análise por Abelardo Montenegro, em 1953, recebendo uma crítica negativa. Relegada ao esquecimento, Otacílio Colares, por sua vez, resgata *A Rainha do Ignoto* em 1977. Neste caso, Colares elabora uma análise mais acadêmica e, assim, atribuindo ao texto qualidades de pioneirismo fantástico e narrativa de trama complexa. Já em 2003, a obra recebe uma segunda edição através da Professora Constância Lima Duarte. Junto à Editora Mulheres, Constância Lima Duarte alça Emília Freitas ao reconhecimento de uma importante escritora feminista, despertando, neste sentido, interesses no público contemporâneo que passa a reafirmar as características presentes na *Rainha do Ignoto* relativas aos problemas sociais das mulheres presentes nesta ficção. A Editora Wish, inclusive, colocou no mercado uma nova edição em 2020. Neste momento, sintetiza uma categoria, já associada na década de 2010, que é a alcunha de “a primeira obra de ficção científica do país”. Partindo da análise do ofício de uma intelectual, que exerce o emprego da escrita para a construção de discursos, percebo como agentes históricos, dentro de um regime de historicidade, inseridos em contextos estabelecidos por cânones literários, passa a definir e redefinir a mulher letrada. Emília Freitas, sendo uma escritora cearense, com histórico controverso, passou por um quase esquecimento. Para além de sua relação em vida, possui questões ainda não esclarecidas que podem contribuir para a compreensão de apagamento, resgate e apropriação.

Palavras-chave: Emília Freitas; História; Literatura; Crítica; Feminino; Fantástico.

Uma rede de mulheres intelectuais

Nascida onde hoje é Jaguaruana/CE, em 1855, Emília Freitas vinha de uma família de origem portuguesa, com histórico militar e influência política. Cresceu com seus pais, que defendiam valores “...abolicionistas, liberais e republicanos...” (Oliveira, 2008, p. 24). Porém, com a perda do patriarca da família, seu irmão e sua avó mudaram-se para Fortaleza, em 1869, junto com os 12 irmãos e a mãe.

¹ Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH/UFC - Bolsista CAPES- E-mail: felipemor@outlook.com.br - Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Alves Ribeiro Braun



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Não se sabe muito sobre as condições da viagem ou do estabelecimento da família, que recebeu suporte de parentes. Contudo, suas condições financeiras provavelmente não eram precárias, visto que a educação foi uma prioridade para a futura romancista. Emília formou-se na Escola Normal, em 1877, destacando-se em disciplinas como Inglês, Francês, Geografia e História. Seu casamento ocorreu apenas tardiamente, sem arranjo ou pressão familiar.

Ainda nesse ano, ela publica o poema *A Mãe Escrava*, que aborda a história de uma mulher negra liberta, angustiada por perder seus filhos para o tráfico intermunicipal. Essa foi uma das formas de sua atuação política em favor do abolicionismo. Emília frequentava recitais e proclamava seus versos na Praça do Ferreira e no Passeio Público, o que a fez ser conhecida como a "poetisa dos escravos".

Em 1882, Emília participou da fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras, a ala feminina da agremiação Perseverança e Porvir². As escritoras Francisca Clotilde e Ana Nogueira também faziam parte da associação. Ambas possuíam históricos com semelhanças a Emília: famílias com boas condições financeiras, influência política e educação letrada.

Apesar da "...desigualdade com que a mulher, e consequentemente sua produção cultural, foi tratada nos séculos passados..." (Alberti, 2022, p. 76), Emília, Francisca e Ana tinham uma ativa presença em publicações periódicas. Clotilde e Nogueira, inclusive, foram as duas únicas mulheres integrantes do Clube Literário³. Eram reconhecidas por seus talentos, recebendo cartas de leitores com elogios.

Além de sua dedicação à campanha abolicionista, o compromisso com a educação escolar também era evidente. Como professoras da Escola Popular Noturna, organizavam bazares (Libertador, 1883). A arrecadação de fundos tinha o objetivo de manter o funcionamento da instituição, voltada para "...uma educação escolar de natureza civil para operários recém-saídos de seus expedientes de trabalho..." (Pinheiro; Bernardino Filho, 2023, p. 67).

² Perseverança e Porvir foi uma agremiação fundada em 1879 a atuar em favor da abolição no Ceará. Publicavam o jornal Libertador, compravam alforrias, promoviam eventos. Posteriormente deriva a Sociedade Cearense Libertadora.

³ Agremiação fundada em 1887, composta por intelectuais como Antônio Sales, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo, José Olímpio, entre outros. Publicavam a revista A Quinzena.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

Frequentando os mesmos espaços, como recitais de poesia, participando das mesmas causas e pertencendo a um grupo comum de sociabilidade entre intelectuais fortalezenses, laços de proximidade e amizade se desenvolveram entre elas. Como valorização dessa condescendência, com certa frequência, ressaltavam afeição através de poemas: *À Ana Nogueira* (Baptista, 1888), *A'F. Clotilde* (Nogueira, 1888), *Aniversário da Ilustre Poetisa Francisca Clotilde Barbosa Lima* (Freitas, 1891, p. 154).

A crítica ao valor moral imposto pela sociedade ao papel da mulher tornou-se um tema comum entre essas intelectuais. Francisca Clotilde dedicou um poema à sua prima, intitulado *O Beija-flor* (1883), cujo final traz uma reflexão sobre como os homens têm o costume de iludir amorosamente as mulheres. Já na revista *A Quinzena*, um conto de sua autoria foi publicado, *A Engeitada* (1887):

Outras escritoras, fora desse recorte, contemporâneas fortalezenses, também traçaram rimas e prosas seguindo essa mesma linha. Como o mesmo assunto poderia circular, no mesmo período, entre essas mulheres? Certamente, o fato de terem uma formação letrada possibilitava a essas autoras perceber e questionar a realidade que as cercava. Ideias circulavam em livros, jornais e revistas, podendo ser interpretadas e apropriadas de maneiras diversas.

Recepção crítica de *A Rainha do Ignoto*

A crítica é um processo realizado por indivíduos e instituições, sendo, portanto, uma relação histórica com critérios mutáveis (Bloom, 1994; Perrone-Moisés, 1998). Através da prática de produção e intermediação cultural, a elaboração de valores acerca de uma obra passa por critérios qualitativos, impactando seu consumo.

A tentativa de compreender as causas que relegaram *A Rainha do Ignoto* ao esquecimento frequentemente se apoia em três explicações: a constante peregrinação de Emília Freitas, a discrepância de sua obra com o realismo-naturalismo predominante, e as questões de gênero. Um quarto fator, raramente considerado, é a elaboração do cânone da literatura cearense.

A recepção do romance contribuiu para a marginalização da escrita feminina, vista como uma arte inferior, já que “O preconceito hereditário... de só dentro do lar deve a



mulher desenvolver a sua atividade consciente...” (Marinho, 1900, p. 6). Isso reforça o quadro em que o esforço intelectual predominante, principalmente em gêneros literários mais valorizados, era atribuído aos homens. Para escapar desse cenário, era comum as escritoras dedicarem suas obras através de prefácios ou associá-las a outros gêneros literários (Muzart, 2008).

O subtítulo da obra de Freitas é *Romance Psicológico*⁴, uma característica que está presente em certos pontos da narrativa. Contudo, a assimetria em relação às obras contemporâneas se constitui com elementos presentes em romances de escritores europeus, embora com um ineditismo na literatura brasileira:

“...Eis aqui os principais: 1) viagens fantásticas e extraordinárias, incluindo-se aqui os “mundos perdidos”, a noção de uma “Terra oca”, a Atlântida; 2) utopias; ou o seu contrário, desde o século passado tendo-se cunhado o termo “distopias”; 3) o conto filosófico, com freqüência de intenção satírica; 4) o gótico ou horror sobrenatural; 5) a antecipação sociológica ou tecnológica.” (Cardoso, 1998, p.13)

Esse aspecto aparece como uma categoria do maravilhoso, onde aos “amantes... agradará... pela feição lendária... concebidos todos no pleno domínio da fantasia” (Província, 1900, p. 1). Apesar de destacar uma positividade para os leitores desse gênero, a obra de estreia de Emília Freitas a manteve como uma escritora promissora para futuros lançamentos.

O impacto inicial não parece ter diminuído o empenho de Emília em produzir novas obras. Em Maranguape, ela escreveu a peça *Nossa Senhora da Penha* (1901), cujos registros ficaram apenas em notas de periódico. Novamente, sua predileção pelo fantástico se destaca, já que a peça é descrita como sendo “...de gênero mágico, cheio de aparições, fantasmagorias...” (*O Maranguape*, 1901).

Também há especulações sobre um segundo romance publicado, *O Renegado*, entre os anos de 1890 e 1892 (Duarte, 2003; Oliveira, 2008). Contudo, essas datas parecem improváveis, pois foi um “...romance de colaboração com o marido...” (Pacotilha, 1908). A aproximação com Arthunio Vieira ocorreu apenas em 1899, e o

⁴ O romance psicológico é um gênero literário que se concentra na exploração detalhada dos pensamentos, emoções e conflitos internos dos personagens, enfatizando seu desenvolvimento psicológico e a complexidade de suas motivações e percepções, muitas vezes em detrimento da ação exterior.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

casamento em 1900. A autoria dessa obra pode ter sido atribuída ao companheiro, também romancista. No entanto, *O Renegado* pode não ter sido publicado, de acordo com Guilherme Studart (1910)

O cânone da literatura cearense

A influência da recepção crítica na circulação e venda de *A Rainha do Ignoto* é difícil de mensurar. No entanto, ao longo das décadas, é possível encontrar anúncios de venda dessa obra. O *Correio da Manhã* (RJ), em 1942, atribui a autoria a Amélia Freitas em uma seção de venda, enquanto em 1948 a obra aparece como sendo de Emília de Freitas em outro anúncio.

Paralelamente, um grupo de intelectuais discutia a história da literatura no Ceará. Como uma inferência, nomes foram consagrados como grandes escritores locais. Nesse processo, a instituição do cânone da província foi consolidada a partir de ensaios e críticas que destacavam autores de seu tempo.

No Brasil, Sílvio Romero foi um dos responsáveis por iniciar e delinear essa questão no território nacional. Suas críticas iniciais surgiram de publicações e pesquisas sobre o canto popular. A estrutura crítica elaborada por ele foi influente para intelectuais futuros, estabelecendo um primeiro padrão (Romero, 1883; Cândido, 2006; Marques, 2015).

Já em Fortaleza, a literatura a partir de 1870 não parecia se restringir à escrita de poemas e prosas. As agremiações surgidas com a Mocidade Cearense e os Novos Cearenses, em suas revistas literárias, abraçavam também ideias acadêmicas, científicas e sociais do período.

Uma provável causa para essa diversidade é que a maioria desses homens tinha formação na Faculdade de Direito do Recife. Assim, para serem reconhecidos como intelectuais, eles escreviam e publicavam sobre diferentes áreas do conhecimento.

Antônio Sales, em um artigo intitulado *Pelo Ceará Intelectual* (1897), traçou um primeiro histórico da literatura da província na revista *Brasileira* (RJ). Ele define o marco



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

inicial em 1850, com Juvenal Galeno. Para estabelecer quais autores eram relevantes, Sales elucida alguns critérios, como ser atuante na localidade e ter publicações significativas, excluindo, assim, José de Alencar (Sales, 2011; Marques, 2018).

Seu artigo inicial oferece uma panorâmica histórica sobre o desenvolvimento dos escritores, associações e campos de atuação. Elogia Rodolfo Teófilo, por sua obra *História da Seca no Ceará* (1884), e o jornal *Libertador*, por sua atuação política. Além desses, menciona autores de poesia, prosa e estudos científicos, como Antônio Bezerra, Justiniano da Serpa e Oliveira Paiva, entre outros.

A publicação encerra com o movimento da Padaria Espiritual. Sales transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1896, já com certo prestígio devido às suas realizações e publicações em Fortaleza. Contudo, ao escrever o artigo em questão, é possível que seu intuito fosse buscar reconhecimento e valorização do cenário intelectual cearense na capital da Primeira República.

Até o período de 1897, Emília Freitas havia participado ativamente das campanhas abolicionistas e publicado apenas sua coletânea de poemas *Canções do Lar*. Ela se transferiu para Manaus em 1892, retornando a Fortaleza apenas oito anos depois. Francisca Clotilde e Serafina Rosa já haviam publicado suas coletâneas de poemas até aquele momento (Otacílio, 1975, 1977; Ketterer, 1996).

A menção a essas escritoras é posterior e aparece em um breve reconhecimento por parte de Antônio Sales na revista *Almanaque Cearense*, do Instituto do Ceará (1922). Em um curto texto, Sales menciona que Emília Freitas e Clotilde foram escritoras de sua época, destacando suas respectivas obras.

Algumas décadas depois, Dolor Barreira elaborou um novo estudo sobre a literatura cearense. Formado em Ciências e Letras pelo Liceu do Ceará e em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, Barreira foi professor universitário e associado à Academia Cearense de Letras e ao Instituto Histórico (Martins, 2013).

Devido às suas constantes colaborações nas revistas das instituições das quais participava, e às suas obras, Dolor também é reconhecido como historiador. Assim, sua obra *História da Literatura Cearense* oferece uma nova perspectiva. Dividido em quatro volumes, o estudo desenvolve uma historiografia da literatura desde o movimento conhecido como Oiteiros até o período contemporâneo ao autor.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Além de estabelecer novos movimentos, agremiações e sujeitos, Barreira (1948) também compila críticas às obras que considerou mais marcantes, com base em critérios pessoais. Novamente, os intelectuais abordados na literatura são aqueles que desempenharam os papéis mencionados anteriormente. Apesar de praticamente não dar atenção às escritoras do século XIX, citando Francisca Clotilde como membro do Clube Literário ao apresentar as agremiações e revistas da década de 1870 em diante.

As escritoras cearenses tiveram pouco espaço e praticamente nenhum reconhecimento por sua contribuição à literatura local. O cânone foi constituído pela eleição de homens intelectuais como responsáveis por elevar a cultura cearense a um alto padrão por meio da escrita. Contudo, Abelardo Fernando Montenegro publicou uma obra sobre a literatura cearense, na qual tece críticas a *A Rainha do Ignoto*.

Abelardo Montenegro formou-se em Direito e atuou não apenas nessa área, mas também como professor de Geografia, História e Português. Possuía uma vasta bibliografia em diferentes campos e era associado ao Instituto Cearense e à Academia Cearense de Letras (Martins, 2013).

Sua obra *O Romance Cearense* (1953) busca construir uma história da prosa local. A pesquisa, inicialmente, defende a literatura romanesca cearense, muitas vezes vista como regionalista, uma categoria considerada inferior. Em sua argumentação, Montenegro afirma que a escolha dos escritores locais em retratar cenários regionais era uma influência da literatura russa:

“As personagens do romance cearense e do romance Russo jamais arregam suas raízes provincianas, nem escondem as cicatrizes regionais, as cicatrizes de lutas cearensíssimas ou russíssimas com o clima – a seca ou o inverno – e a fome. Ao contrário, ostentam com orgulho, os traços da formação rural ou urbana e do passado local” (Ibid., p.20)

Para Abelardo, *A Rainha do Ignoto* pertence ao gênero romântico. Em sua definição, "A mulher... sonhava acordada... com príncipes poderosos que desposavam camponesas..." (Ibid., p. 8). Francisca Clotilde e Ana Facó também são incluídas nessa categorização. No final do século XIX, os gêneros do realismo e naturalismo estavam em alta (Cândido, 2002; Marques, 2015).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Uma possibilidade para analisar essa categorização das três escritoras poderia partir desse princípio. No entanto, ao elaborar a crítica do romance de Emília Freitas, essa perspectiva histórica perde o sentido. A crítica literária é um gênero textual que atribui valores a uma obra e a seu autor. No entanto, suas características tomam diferentes formas ao longo do tempo, onde "...a crítica, modesta, contentou-se em explicar os textos, ou 'científica', pôs-se a analisar" (Perrone-Moisés, 1998, p. 9).

Não é esse tipo de crítica que Abelardo elabora em relação a Freitas. O discurso construído sobre *A Rainha do Ignoto* é de atribuição de qualificadores. No início do texto, já se vislumbra uma avaliação negativa, quando "...Alcides Mendes – seu vizinho por algum tempo – diz-nos que ela era uma professora esquisita e má poetisa" (Montenegro, 1953, p. 76). Percebe-se a atribuição de uma opinião de terceiros, sem maiores esclarecimentos, para, já nos primeiros parágrafos, estabelecer a opinião que ele expressará posteriormente.

O desenvolvimento de sua opinião se desenrola apenas com a atribuição de mais valores negativos, como "...um dramalhão que não convence. Falta-lhe, além da veracidade dos fatos, a naturalidade dos diálogos... atinge as raias do delirante" (Ibid., p. 77). Além desses pontos, um outro elemento narrativo do romance que chama a atenção de Abelardo são os aspectos do espiritismo. Em sua concepção, *A Rainha do Ignoto* é apenas propaganda da doutrina de Allan Kardec.

Surge, então, um questionamento: Montenegro escreveu essa crítica com expectativas preconcebidas ou leu o romance de má vontade? O que se percebe é um cânone desfavorável para as mulheres escritoras. O devido reconhecimento e resgate só ocorrerão efetivamente com Otacílio Colares.

O resgate e ressignificações de Emília Freitas

Com o intuito de "...trazer de novo à tona autores e obras que... estavam praticamente relegados ao esquecimento..." (Colares, 1975, p. 11), Otacílio elabora, no terceiro volume dessa coletânea, o ensaio *A Rainha do Ignoto, romance cearense, pioneira do fantástico no Brasil* (1977).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Após apontamentos biográficos e ponderações sobre seus antecessores na escrita acerca da história da literatura cearense, Colares faz uso da dedicatória, do prefácio e do primeiro capítulo. O intuito da valorização é ressaltar os aspectos qualitativos da escritora. Sua perspectiva de análise é bem evidenciada na teoria literária sobre o romance fantástico elaborada por Todorov:

“Na acepção mais estrita, o fantástico é mais literariamente válido quando deixa de ser ficção pura, ou seja, quando não cria seres sobrenaturais, ou de invenção, para ter sua origem justamente no conflito entre o que , no romance , no conto, na novela, se apresenta como plausível, e o sobrenatural em si, com que o leitor... é levado constantemente a dividir-se entre a aceitação natural e lógica do fato real e a do fato sobrenatural, que é o irreal ponderável” (Ibid, 1977, p. 26).

Um outro ponto que colabora para evidenciar ainda mais os aspectos apreciativos são as evidências ensimesmadas de Emília Freitas. Com o intuito de escapismo dos “...princípios de Taine: homem-raça-meio” (Id. Ibid., p. 19), a escritora se afasta das escolas românticas do realismo-naturalismo. Por possuir formação em língua inglesa e francesa, Otacílio já hipotetiza a possibilidade de a autora ter predileção por gêneros comuns na Europa, mas que no Brasil se representam no simbolismo⁵.

No campo da teoria literária, uma corrente ainda muito forte advém de *A Morte do Autor* (Barthes, 2008). Contudo, ao pensar em uma obra como um produto separado de seu escritor e como contida em si, ela se torna ahistórica. Um livro, por mais que possa ter questões importantes a considerar, como a edição, os processos editoriais e as chaves de leitura a partir do prefácio, é um produto fixado em um contexto de um determinado período. O nome inserido na capa, que faz parte de uma lógica de venda e de direitos autorais, por maior que seja a interferência de uma editora — que deve ser considerada como um ponto de inserção — ainda tem como dominância a decisão e a ação na singularidade de um determinado autor, na culminância de um espaço e em um recorte de tempo.

⁵ O romance simbolista, influenciado pelo movimento literário do Simbolismo, privilegia a subjetividade, o uso de imagens e símbolos, e a expressão dos estados emocionais e espirituais dos personagens, frequentemente explorando temas místicos, oníricos e subconscientes, com uma linguagem poética e sugestiva.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

A formação intelectual e cultural de Emília Freitas, em convergência com *A Rainha do Ignoto*, traz aspectos a serem ponderados. Não é a primeira vez que publica algo dentro desse gênero. O conto *Florina* (1883), com semelhanças traçadas com obras de Júlio Verne, reforça sua referência literária.

Como repercussão do ensaio elaborado por Otacílio Colares, houve, na recepção do volume dessa sua obra, o fermento para debater o mérito do pioneirismo fantástico brasileiro. Almeida Fischer (1978) aponta como primeiras obras do gênero *A feiticeira* (1848), *A assassina* (1850) e *A cruz de cedro* (1854), de Antônio Joaquim da Rosa. A pesquisadora Goretti Moreira (2006, p. 103) problematiza a perspectiva de Otacílio, pois “...o fantástico almeja encenar a coexistência de dois mundos irredutíveis, não substituindo totalmente o universo real por um mundo absolutamente maravilhoso...”.

Como parte desse projeto, em 1980, uma segunda edição de *A Rainha do Ignoto* é publicada. O prefácio é escrito por Colares, trazendo uma leitura inserida nessa chave ressaltada anteriormente. Algumas diferenças em relação à obra original serão apontadas posteriormente, pois alterações realizadas foram constatadas, sendo algumas “...comprometedoras à leitura do romance, tais como a ausência de palavras, de expressões e mesmo de parágrafos inteiros...” (2003).

Com o passar de duas décadas, uma nova publicação é feita através da colaboração da Editora Mulheres com a Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Já pontuando alguns levantamentos sobre mulheres escritoras e jornalistas do século XIX, a prof.^a Dr.^a Constância Lima Duarte é a responsável pelo prefácio. A nova leitura estabelecida ressalta o pioneirismo da obra de Emília Freitas como um romance feminino/feminista.

Além de reforçar como um dos pioneiros do fantástico brasileiro, um breve histórico biográfico da escritora é apresentado. O quadro elaborado é o de uma mulher que, mesmo determinada por uma sociedade oitocentista de valores morais de imposição social, “...denuncia as limitações da vida das mulheres de seu tempo” (Duarte, 2003).

Com uma nova chave associada a *A Rainha do Ignoto* e essa volta à circulação em livrarias, o interesse por pesquisas acadêmicas aumenta sobre esse romance e sua autora. As temáticas incidem na esfera do feminismo, da escritora marginalizada e da crítica ao patriarcado. Além disso, há uma interpretação muito comum nesse circuito, como se a



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

romancista fosse uma figura histórica fora da curva (Alós, 2005; Ávila, 2007; Duarte, 2003).

Ainda há tópicos pouco esclarecidos acerca de Emília Freitas. Uma dessas questões refere-se a suas convicções políticas, intelectuais e sociais. Quando se retorna ao século XIX, algumas mulheres intelectuais no Brasil já escreviam e defendiam direitos e sufrágio feminino: Nísia Floresta, Josefina Álvares e Leolinda Daltro.

Algumas singularidades parecem contraditórias ao se aprofundar em um perfil histórico. Vivendo em uma Fortaleza onde os primeiros grupos de intelectuais surgiam na década de 1870, a Mocidade Cearense desdobrava-se em agremiações que interpretavam e divulgavam conhecimento científico e filosófico europeu. As principais correntes às quais Emília “...acessou o mesmo repertório de leitura de seus contemporâneos: Comte, Darwin, Buckle, Taine, Spencer...” (Cavalcante, 2008, p. 92) e Kardec.

Ao trazer seu romance como uma fonte e elucidar uma leitura a partir de uma interpretação como uma obra do século XIX, alguns apontamentos ficam evidentes. Em um certo ponto da trama, Probo, para ilustrar sobre a Ilha do Nevoeiro⁶, faz a seguinte descrição:

“-O que mais admira, senhor Edmundo, é ela entender de todas as indústrias, de todas as artes, de todas as ciências e letras, e até ser uma utopia de governo! Só vendo se pode fazer uma idéia... é incansável! Todos os momentos de sua vida são aproveitados numa atividade célere! Tanto sabe ostentar o luxo asiático, como encobrir-se na miséria londrina da cidade pobre. O senhor terá ocasião de vê-la no trono cercada de um esplendor e de um fausto igual ao que havia em um dia de Luis XIV em Versailles! Mas logo terá de vê-la no meio de suas paladinas, vestida de camponesa, dormindo ao relento sobre um carro de feno!” (Freitas, 1899)

A referência ilustra uma sociedade com aspectos semelhantes aos do império britânico e francês. Como uma republicana aparentemente liberal, Emília (1901) vê o progresso da nação através do trabalho, que enriquece o povo de valores morais, superando a época em que o Brasil “...sujeitou-se ao engenho e à indústria dos países da Europa, marchando assim sobre pegadas de um progresso alheio”.

⁶ No romance, a Ilha do Nevoeiro é uma sociedade secretas de mulheres, liderada pela Rainha do Ignoto.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Ocupando funções quase exclusivamente masculinas, as paladinas da ilha são divididas por ofício: industriais, cientistas e artistas. Quando as mulheres enfrentavam barreiras e julgamentos por almejar tais ocupações, só conseguiam atuar por meio de autorização dos pais ou do marido. Para alcançar o mesmo nível civilizatório europeu, parece haver a superação de tais obstáculos com a emancipação feminina.

Imaginar o utópico é um exercício intelectual com aspectos filosóficos. Thomas More, em 1516, narra um contraponto à Inglaterra, onde a sociedade não estaria às margens das arbitrariedades da monarquia. A racionalidade e a justiça seriam os pilares para a estabilidade da governança. Esse aspecto é fundamental para uma leitura de *A Rainha do Ignoto* como ficção científica.

O que torna o romance atemporal é a reflexão sobre como as mulheres são vítimas de violências domésticas, assédio, desigualdade salarial e feminicídio. Em vigor desde 2006, um conjunto de leis tenta trazer meios para cobrir esse quadro. Ainda com esses aparatos legais, é comum ver denúncias de tentativas de silenciamento das vítimas. No ano de 2023, a produtora Brasil Paralelo publicou um documentário tentando invalidar o caso de Maria da Penha e vitimizar seu agressor.

Nesse pequeno recorte, Emília Freitas aparece como uma visionária, por não apenas construir uma utopia ficcional, mas também por narrar rotinas de resgate a mulheres vítimas desses infortúnios, permitindo que possam viver uma nova vida na Ilha do Nevoeiro. Essa nova apropriação estimula uma nova interpretação, numa possibilidade de existência da mulher (Tabak, 2011; Cardoso; Menon, 2012; Quinones, 2015).

Através da Editora Wish, a utopia feminista é agregada como uma característica que faz da obra a primeira (proto)ficção científica brasileira. A semelhança com outros escritos do gênero oitocentista se deve ao “...uso de teorias científicas e doutrinas vigentes... à utilização das convenções da literatura de utopias... à presença de elementos... de mundos perdidos” (Silva, 2020).

Conclusão

Em um cenário oitocentista, onde o ciclo social entre grupos intelectuais é pequeno e restrito, as chances de mulheres que possuem uma certa condição social, são



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

letradas e frequentam espaços comuns são evidentes. Além das escritoras analisadas ao longo do artigo, ainda há outras a somar: Serafina Rosa, Úrsula Garcia e Ana Facó.

Enquanto as figuras masculinas estavam se articulando e circulando ideias e projetos na prática, essas mulheres, dentro de suas limitações, também atuavam. Entre elas, as imposições e o julgamento de valor da sociedade eram temas em comum. Os talentos e os pequenos atos cotidianos para superar as adversidades as faziam galgar reconhecimento, enquanto, paralelamente, uma podia ajudar a outra quando oportuno.

Mas ficam alguns questionamentos em aberto. Como mencionado, essas intelectuais não eram tão marginalizadas; eram de famílias influentes, tinham boas condições financeiras, eram brancas (Emília Freitas tinha descendência direta de portugueses) e letradas. Isso já as colocava em uma posição privilegiada na sociedade fortalezense. A atuação feminina fora do lar era mal vista, pois suas responsabilidades estavam em cuidar da casa e educar os filhos. Para uma temporalidade tão complexa, a ascensão intelectual parece uma possibilidade irrisória. Acredito que mais pesquisas sobre essas questões possam revelar melhor essas relações tão intrincadas.

Este estudo lança luz sobre a complexidade das trajetórias de Emília Freitas e suas contemporâneas no cenário intelectual cearense do século XIX, destacando suas contribuições literárias e sociais. Ao longo do tempo, essas escritoras passaram por um processo de ressignificação que, apesar dos obstáculos sociais, as posicionou como figuras centrais em debates que envolveram questões de gênero e crítica social. A análise de *A Rainha do Ignoto* revela como a obra transcende o gênero do romance psicológico e adquire camadas de interpretação que vão além de seu contexto original, incluindo o pioneirismo na ficção fantástica e científica no Brasil. A integração dessas mulheres no círculo intelectual cearense, aliada à sua presença em periódicos e recitais, reforça a noção de que elas estavam inseridas em redes que lhes permitiam articular suas vozes em uma sociedade predominantemente masculina.

Contudo, algumas problemáticas ainda demandam maior aprofundamento. A complexa relação entre as escritoras e suas conexões sociais, familiares e políticas levanta a questão de como essas redes influenciaram sua aceitação e circulação literária. Além disso, é necessário investigar com mais profundidade as influências literárias e filosóficas europeias que moldaram suas obras e os possíveis diálogos entre o contexto local e os



movimentos literários internacionais. Ao reconhecer essas lacunas, abre-se um caminho promissor para futuras pesquisas que possam ampliar nossa compreensão não apenas do legado de Emília Freitas, mas também das dinâmicas culturais e intelectuais do período, que ainda carecem de uma análise mais detalhada.

1. Obras da autora

FREITAS, Emília. Canções do Lar. Fortaleza: Tipografia Universal, 1891.

_____. A Rainha do Ignoto. Fortaleza: Tipografia Universal, 1899.

_____. Florina (parte 1). In: *Libertador: órgão da sociedade cearense*, Fortaleza, Ano III, Edição 171, pg. 2, ago. de 1883

_____. Florina (parte 2). In: *Libertador: órgão da sociedade cearense*, Fortaleza, Ano III, Edição 172, pg. 3, ago. de 1883

2. Periódicos

A Rainha do Ignoto. *A Tribuna*: do congresso literário, Recife, Ano XXII, Edição 174, pg. 1, ago. de 1900.

BAPTISTA, Ana Nogueira. Homenagem A'F. Clotilde. In: *A Evolução*: órgão científico, literário e noticioso. Fortaleza, N. 17, pg. 4, nov. 1888.

FISCHER, Oswaldo Almeida. Estudos sobre as letras cearenses. In: Suplemento literário, São Paulo, Edição 111, pgs. 11-12, dez. de 1978

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa. O beija-flor. In: *O cearense*. Fortaleza, Edição 3, pg. 2, jan. de 1884.

_____. A engeitada. In: *A Quinzena*. Fortaleza, N. 18, out de 1887

_____. À Ana Nogueira. In: *A Quinzena*. Fortaleza, N. 6, abril de 1888

MARINHO, Antônio. Carta aberta à redação d'A Tribuna. In: *A Tribuna: Do congresso litterario*. Natal, p. 6-8. 21 abr. 1900.

3. Capítulos e livros

ALBERTI, Adrianna. Em busca da Rainha do Ignoto: a mulher e a transgressão no fantástico. São Paulo: Editora Dialética, 2022, 148 p.

BARREIRA, Dolor. História da Literatura Cearense. Vol. I. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará. Coleção Instituto do Ceará, 1948.

Barthes, Roland. A Morte do Autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 65-70.

BLOOM, Harold. O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo. Tradução: Guilherme Mendes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 512 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. A Ficção Científica: Imaginário do Século XX. São Paulo: Edições Loyola, 2003.



COLARES, Otacílio. Lembrados e esquecidos III (ensaios sobre a literatura cearense). Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1977. 216 p.

DUARTE, Constância L. A Rainha do Ignoto ou a Impossibilidade da Utopia. In: FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto: romance psicológico*. Florianópolis: Editora Mulheres, Edunisc, 2003. 200p

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. Literatura cearense: outra história. Fortaleza: Editora Dummar, 2018, 168 p.

MARTINS, José Murilo. Academia Cearense de Letras: história e acadêmicos. Fortaleza: Edições ACL, 2013. 233 p.

MONTENEGRO, Abelardo. O romance cearense. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele (tip. Royal), 1953.

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante. Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855/1908). 01. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008. 208 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALES, Antônio. História da Literatura Cearense. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS Filho, Antônio. *O Ceará*. Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 2011. p. 93-107.

SILVA, Alexander Meireles da. O fantástico ignoto de uma rainha. In: FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto: fantasia rara*. São Caetano do Sul, Editora Wish, 2020, p. 10-21.

STUDART, Guilherme. Dicionário Biobibliográfico Cearense. Fortaleza: Edições UFC, 1980, v.1.

4. Trabalho acadêmico (tese, dissertação, monografia, Artigo em periódico)

ALÓS, Anselmo Peres. O estranho e a crítica ao patriarcado: resgatando o romance A rainha do Ignoto de Emília Freitas. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 19, n. 38-39, 2005.

CARNEIRO Filho, José Humberto. *Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a biblioteca provincial do Ceará na segunda metade do século XIX*. Fortaleza, 2014, 141 f., dissertação, mestrado, Universidade Federal do Ceará.

KETTERER, Valérie. Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): dos Escritos à cena pública. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 18, n. 2, 1996, p. 102-110.

MARQUES, Rodrigo de Albuquerque. *A nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará*. Fortaleza, 2015, 173 f., tese, doutorado, Universidade Federal do Ceará.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Sob o Signo do Gótico: o Romance Feminino no Brasil, Século XIX. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Santiago de Compostela, v. 10, p. 295-308, 2008.

SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Campinas, 2009, 246 f., dissertação, mestrado, Universidade Estadual de Campinas.